

# Lugares invisíveis: sobre o espaço público em São Bernardo do Campo

*Invisible places: about public space in São Bernardo do Campo*

Larissa Costa Lobo, Ricardo Luis Silva

Centro Universitário Senac

Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo

{[larissa.lobo@yahoo.com.br](mailto:larissa.lobo@yahoo.com.br), [ricardo.lsilva@sp.senac.br](mailto:ricardo.lsilva@sp.senac.br)}

**Resumo.** Os fenômenos que acontecem na cidade já não se adequam mais aos princípios formais de zoneamento e gestão. As atividades humanas acontecem no espaço de acordo com as necessidades contemporâneas, e não é mais um desenho arquitetônico que determina como cada espaço será utilizado, sobretudo quando falamos de espaços públicos. Nesse aspecto, as intervenções urbanas<sup>1</sup>, tanto as temporárias como permanentes, atuam como alternativa ao processo contínuo de desenvolvimento das cidades. São fundamentais ao reconhecimento das atuais necessidades, pois colocam em questão a percepção de áreas esquecidas na cidade, espaços que se desprenderam da memória dos seus habitantes e dos princípios estabelecidos pelo desenho urbano, e passam a valorizar os aspectos físicos de um lugar, permitindo que se descubram novos lugares e novas identidades.

São Bernardo do Campo, cidade que sempre foi palco das minhas experiências, logo se mostrou como o lugar mais propício para se desenvolver esse tema, considerando sempre a proposta de trabalhar com o vazio.

**Palavras-chave:** intervenções urbanas, lugar, vazio, São Bernardo do Campo.

**Abstract.** *The phenomena that happen in the city are no longer suited to the formal principles of zoning and management. Human activities take place in space according to the contemporary needs and the architectural design does not determine how each space will be used anymore, specially when we're talking about public spaces. In this respect, the urban interventions, both temporary and permanent, act as an alternative to the continuous process of development of cities. This attitudes are fundamental to the recognition of actual needs, because it puts under observation the perception of neglected areas in the city, spaces that have been broken off from memory of its inhabitants and from the principles established by urban design, and start to appreciate the physical aspects of a place, allowing people to discover new places, new spacialities and new identities.*

---

<sup>1</sup> Intervenções urbanas – “Uma forma de transformação positiva dos lugares. Funcionam como catalisadores de relações de proximidade e intimidade, tanto com o próprio espaço, quanto na relação entre os indivíduos da urbs, atuando reativamente contra esse desfavorável estado de alienação pura.” SANSÃO, Adriana, 2012.

**Iniciação** - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística.  
**Edição Temática: Comunicação, Arquitetura e Design**  
Vol. 5 no 1 – Junho de 2015, São Paulo: Centro Universitário Senac.  
ISSN 2179-474X

© 2015 todos os direitos reservados - reprodução total ou parcial permitida, desde que citada a fonte.

Portal Revista Iniciação: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/>  
E-mail: [revistaic@sp.senac.br](mailto:revistaic@sp.senac.br)

*São Bernardo do Campo, city that has Always been the place of my experiences, proved to be the most propitious place for me to develop this theme, walways considering the proposal to work with the empty.*

**Key words:** urban interventions, place, empty, Sao Bernardo do Campo.

## **1. Introdução**

Voltando ao Brasil, depois de uma experiência muito valiosa de intercâmbio<sup>2</sup>, me deparei com o trabalho final de graduação. O momento ideal para condensar todo o conhecimento adquirido, formalizando-o em um breve ensaio que seria então destinado aos espaços públicos da minha cidade, no caso, São Bernardo do Campo. Em meio a discussões sobre o papel do lugar na formação da imagem da cidade e o habitar na metrópole contemporânea, decidi que o tema se desenvolveria a partir de uma análise sobre as práticas em intervenções urbanas.

Durante muito tempo eu não sabia dizer o que seria o meu “produto final”, o caminho foi construído ao longo do processo. Percebi que o termo “vazio” era recorrente nos meus registros e, diante de todos os significados que essa palavra possa sugerir, decidi encarar o espaço vazio como elemento fundamental de intervenção na cidade. Escolhi investigar os espaços invisíveis da cidade de São Bernardo do Campo, estes que passam despercebidos pelos olhos de seus próprios habitantes, mas que pudessem, através de intervenções pontuais, se reintegrarem à imagem da cidade e ao imaginário de seus habitantes. Através deste trabalho, eu proponho discutir sobre o espaço público na cidade.

## **2. Sobre escolhas e experiências**

São Bernardo tem sua história intimamente ligada às vizinhas Santo André, São Caetano e São Paulo, mas que, diferente dessas, logo cedo se envolveu com a indústria automobilística, descobrindo vocação para alavancar sua economia e receber uma nova população, constituída de operários metalúrgicos e suas famílias, o que contribuiu para a formação dos primeiros núcleos urbanos da cidade, as chamadas vilas operárias.

Até então, nos anos 1950, São Bernardo era uma grande vila que pulsava ao ritmo do progresso. Com a grande oferta de oportunidades, aqui e em toda a grande São Paulo, pessoas de diversas regiões do país desembarcaram à procura de uma “vida melhor”. Isso impulsionou o crescimento excessivo da cidade, que na década de 1990, se viu em uma situação de estagnação econômica e uma população que não parava de crescer.

A especulação imobiliária, durante muito tempo governa a região, trazendo grandes empreendimentos para o centro da cidade, ocupando ostensivamente todas as áreas livres que existiam. Assim potencializou-se um crescimento desmesurado da cidade, espalhando modelos desproporcionais à escala do pedestre, que favorecem a imposição de muros em detrimento da criação de espaços públicos de qualidade, modelos estes que, pela arquitetura, desconsideram a importância da convivência entre os cidadãos. Outro aspecto relevante é a extinção da memória arquitetônica da cidade, em São Bernardo não existe, como na maioria dos municípios antigos, um centro configurado por elementos históricos, tudo foi apagado em prol do desenvolvimento da cidade.

---

<sup>2</sup> Graduação Sanduiche, realizada através do programa do governo Ciência sem Fronteiras, quando vivi por um ano na cidade de Bolonha, na Itália, estudando na Università di Bologna – Laurea Magistrale in Ingegneria Edile Architettura.

Muitos habitantes têm sua profissão em outros locais, e por isso vê-se que a cidade se tornou um grande dormitório para essa população que, muitas vezes, trabalha em cidades vizinhas. E que também sai em busca de atividades de lazer e convivência, em busca de uma identidade que não encontra aqui. O município ainda é formado majoritariamente por pessoas nascidas fora de seus limites geográficos, cerca de 52,3% da população, de acordo com o Censo 2010. Tais características nos levam a acreditar que é uma cidade onde a maioria de seus habitantes, na verdade, não habitam.

Quando o homem habita, ele está simultaneamente locado no espaço e exposto a um certo caráter ambiental. As duas funções psicológicas envolvidas, podem ser chamadas "orientação" e "identificação". Para ganhar o suporte existencial o homem tem que ser capaz de orientar-se; ele tem que saber onde ele está. Mas também ele tem que identificar-se com o meio, isto é, ele tem que saber como ele está num certo lugar.<sup>3</sup>

O lugar, segundo Norberg-Schulz, é a manifestação concreta do habitar. Ele coloca o mundo como lugar, um mundo constituído por símbolos e elementos que transmitem significado e o homem precisa ser capaz de interpretá-los. Segundo o autor, o homem habita entre dois mundos opostos: a terra e o céu, o primeiro tangível (elemento estável, concreto e suscetível a mudanças) e o segundo não-tangível (elemento instável, referente a funções do tempo e clima) . O habitar, por sua vez, é o que ele chama de suporte existencial. Este suporte compreende as relações básicas entre o homem e o seu meio, ou seja, a união destes dois mundos, campo no qual atua a arquitetura. A construção do lugar deve valorizar a relação entre o indivíduo e o seu meio, intensificando a experiência com os espaços públicos, para preservar na memória de quem habita nesse lugar, uma boa lembrança.

### **A memória e o vazio**

A memória que se tem da cidade está essencialmente ligada ao patrimônio industrial, que desencadeou importantes movimentos sociais, da indústria e do trabalho, ao longo da história. No ano de 2014 foi inaugurado o Museu do Trabalho e do Trabalhador, obra de destaque na cidade, implantado no local onde funcionava, no passado, o Mercado Municipal, mas que por anos permaneceu em ruínas no centro da cidade.

Outro processo dramático de extinção do patrimônio arquitetônico da cidade é o caso da sede da prefeitura, o Paço Municipal, que, ao longo dos anos, vem perdendo suas características principais com intervenções que nada tem a ver com o conceito do projeto original. O conjunto configurava uma esplanada de pedra portuguesa e dispunha volumes isolados que abrigavam as sedes dos poderes legislativo e executivo, mas que foram significativamente descaracterizados ao longo dos anos. Abrigava também uma grande área verde no coração da cidade. A atual intervenção, e talvez a mais catastrófica de todas, é a implantação de um piscinão na praça do paço. Outro exemplo, associado à perda de memória, é caso do Pavilhão Vera Cruz, que no passado, foi cenário de uma indústria cinematográfica intensa, mas que não teve condições de se perpetuar no tempo. Hoje, o espaço, um pouco degradado pela ação dos anos e a falta de manutenção, recebe feiras e exposições dos mais variados temas, desde automóveis a design de interiores, com conteúdos que pouco têm a contribuir para a integração da população a este espaço.

Quando um edifício histórico é eliminado da cidade, ou é esquecido, deixado de lado, cria-se uma lacuna, um vazio. Uma parte da memória é apagada,

---

<sup>3</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian apud REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. **O conceito de lugar**. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225>>

influenciando a configuração da imagem que se tinha da cidade, e consequentemente a relação entre o indivíduo e o espaço.

A atual forma de vida na cidade se reduz ao cultivo de uma cultura segregadora, onde se criam muros e barreiras, vendendo uma falsa segurança a uma população já consumida pela violência, onde o sujeito vive em modo automático, percorrendo a cidade, não mais a pé, mas de dentro do seu carro ou dentro de um ônibus lotado, um sujeito que não consegue refletir sobre as experiências na cidade, que não tem oportunidades para construir uma relação afetiva com os espaços por onde anda. Uma cidade onde as relações sociais se restringem a encontros em shoppings e supermercados gigantescos, estes que por sua vez, sempre com as mesmas lojas e os mesmos logotipos, não te permitem identificar em que cidade está.

E assim associa-se, essencialmente, a perda de memória ao vazio, ao espaço ausente de atividades, de construções, ausente de identidade. Ao vazio de quando buscamos algo e não encontramos. É o que observo quando ando pelas ruas da cidade, vejo um grande vazio representado pelo alheamento, pela ausência de relações, de pessoas usufruindo os espaços, vejo apenas caminhantes apressados, presos, cada um, em seus pensamentos e rotinas. A cidade já não detém mais os olhares de seus habitantes.

O vazio é um conceito que abrange diversas tipologias, sejam espaços edificadas ou ausentes de construção, não utilizados, subutilizados, desocupados ou sem uso. De qualquer maneira, são espaços que possuem uma característica em comum, a de não exercerem função social ou econômica, são resquícios físicos do progresso das cidades. São espaços inúteis e que não contribuem para a formação da imagem da cidade, geralmente associados a visões negativas do espaço [figura 1]. No entanto, esses lugares representam espaços de transição temporal, com potencialidades para transformações e mudanças que provoquem novos usos/ ocupações mais efetivas no tecido urbano como um todo.

Em levantamento realizado pela Secretaria de Planejamento Urbano, foi constatado que São Bernardo do Campo possui um total de 458 imóveis não edificadas ou subutilizados e 89 edificadas não utilizadas.<sup>4</sup> Junto a essa estatística, achei oportuno incorporar também os espaços de passagem, geralmente desinteressantes aos olhos dos pedestres, ou os não-lugares<sup>5</sup>, espaços onde não se pode ler de forma nítida a identidade, relação e história dos indivíduos inseridos nesse espaço, e então, reunindo estas características em comum, decidi identificá-los e nomeá-los de lugares invisíveis.

---

<sup>4</sup> Dados disponíveis em:

<[http://www.saobernardo.sp.gov.br/comuns/noticia\\_completa\\_print.asp?ref=9915](http://www.saobernardo.sp.gov.br/comuns/noticia_completa_print.asp?ref=9915)>

<sup>5</sup> AUGÉ, Marc. **Não-Lugares, introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 3. Ed. São Paulo: Papirus, 1994.



**Figura 1. Sob viaduto Kenzo Uemura, São Bernardo do Campo. Fonte: Autoria Própria**

### **3. Fatos da arquitetura**

A arquitetura lida naturalmente com a criação e organização do espaço, este que, pode ser denominado também de vazio, ou seja, o que não é apenas um conjunto de larguras, comprimento e alturas, mais do que isso, é um ambiente onde o homem anda e vive.<sup>6</sup> Quando o espaço ganha significado diante da presença do homem, consideramos esse espaço como um lugar. Estas duas esferas (lugar e espaço) basicamente não podem ser compreendidas uma sem a outra, este fato pode estar relacionado tanto à dimensão temporal com a qual nos relacionamos com esse espaço e conseqüentemente nos apegamos a ele (ideia de experiência) quanto ao valor identitário que atribuímos a ele, sem que haja necessariamente uma prática duradoura (ideia de vivência).

A vida contemporânea tirou do indivíduo a experiência com a rua, impondo muros e barreiras que colocam em crise a ideia de cidade, alterando a paisagem e confundindo o indivíduo com a presença de não-lugares. Através da arquitetura é possível proporcionar experiências diversas e reestabelecer vínculos entre o espaço e suas funções. Todo indivíduo pertence a um lugar. *Um lugar rodeado por coisas e arquitetura.*<sup>7</sup> E é através de ações que envolvam a valorização do espaço, qualificando a arquitetura como marco, como identidade, que essas experiências se transformam.

A rua também deveria cumprir o papel de lugar. As fachadas e os espaços públicos transmitem significado, acolhem o indivíduo e despertam admiração. É na rua que está a essência da cidade.

---

<sup>6</sup> REIS-ALVES, Luiz Augusto. **O conceito de lugar**. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225>>

<sup>7</sup> ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas**. 1. Ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

Se, no começo, as ruas se transformavam para ele em interiores, agora são esses interiores que se transformam nas ruas, e, através do labirinto das mercadorias, ele vagueia como outrora através do labirinto urbano.<sup>8</sup>

Este trecho, de Walter Benjamin, retrata a Paris de Baudelaire, onde o sujeito que vagueia pelas ruas, representado pelo *flaneur*, sai à procura de abrigo no meio da multidão. A cidade se transforma em paisagem e as galerias em janela, o espaço público onde se pode observar e sentir a cidade. Ainda nas palavras de Benjamin, "os parisienses transformam as ruas em interiores".

Benjamin menciona elementos da cidade (as ruas), que através da arquitetura (as galerias) se transformaram em lugares. E a partir do momento em que essa consciência ganha dimensão, conferindo significado ao espaço, se estabelece uma identidade.

Existem alguns fatos da arquitetura que devem ser mencionados nessa discussão, e então, usaremos Bolonha como exemplo, que possui uma característica arquitetônica que a define: os pórticos. Os pórticos de Bolonha representam a identidade daquele lugar, e sempre farão parte do imaginário da cidade. É um fato atemporal, implícito na vida de quem por eles caminha e por isso se configura como uma composição "silenciosa, que se reconhece pela sua capacidade de desaparecer no espaço".<sup>9</sup> O pórtico simboliza um tipo de vazio arquitetônico, representado pelos vãos e passagens, que é absolutamente conveniente com o meio em que está inserido. O pórtico faz parte do cotidiano de seus habitantes e da imagem da cidade [figura 2].

Podemos falar também sobre os marcos da cidade, que atuam como ponto de referência no meio urbano. Um monumento, um elemento arquitetônico relevante, como uma escadaria ou uma ponte, um edifício notável como uma igreja. São componentes inerentes à imagem da cidade. Gosto da ideia de associar o marco a um elemento perceptível, notável pelo seu valor afetivo. Como acontece com os parques ou as praças. A praça, no verdadeiro sentido da palavra *piazza* é um espaço de encontros, que pela união de elementos e momentos, sempre nos faz sentir parte daquele lugar e conseqüentemente nos faz contemplar seu entorno. É um espaço de detalhes. Já o parque, em sua imensidão, é um espaço de generalidades, um lugar que nos direciona aos acontecimentos, a observar o que está dentro e o indivíduo é apenas mais um no espaço.

Estes são fatos importantes para a formação da identidade do lugar, a cidade precisa de elementos que a revelem, que a torne essencialmente dinâmica.

---

<sup>8</sup> BENJAMIN, Walter apud BARROS, Fernando Monteiro de. Faculdade de Formação de Professores. **Baudelaire, Byron e Lucio Cardoso: A flanerie e o dandismo do vampiro**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/5e6/04.pdf>>

<sup>9</sup> ARAVENA, Alejandro, PEREZ, Fernando, QUINTANILLA, José. **Los Hechos de la Arquitectura**. 3. Ed. Santiago: Ediciones ARQ, 2007.





**Figura 2. Via dell'Indipendenza, Bolonha. Fonte: Autoria Própria**

### **Iniciativas e intervenções**

A intervenção valoriza os atributos físicos de um lugar. Um espaço que antes passava despercebido aos olhos da população, depois de uma intervenção faz com que venha à tona a sua forma, permitindo que se descubram novos lugares, abrindo para a cidade novas visadas, novas espacialidades, novas experiências urbanas.<sup>10</sup>

Tem se observado, com cada vez mais frequência, que as pessoas estão começando a se mobilizar pelos ideais que são importantes para alcançar o tipo de vida que elas querem. A era pós-moderna, marcada pela fragmentação da vida humana em sociedades individualizadas, começa a dar espaço a hipermodernidade, conceito empregado por Lipovetsky (2004) para descrever a atual situação na qual nos enquadrados. A hipermodernidade evidencia a cultura do excesso, onde tudo se torna muito mais intenso e urgente. As mudanças acontecem de maneira acelerada, determinando um tempo marcado pelo efêmero, no qual flexibilidade e fluidez aparecem como tentativas de acompanhar essa velocidade. É caracterizada por uma sociedade que está redescobrando o passado, que valoriza o presente e se preocupa com o futuro e por isso formula estratégias para a permanência das próximas gerações. O bem estar individual dá lugar ao coletivo. "O que define a hipermodernidade não é exclusivamente a autocrítica dos saberes e das instituições modernas; é também a memória revisitada, a remobilização das crenças tradicionais, a hibridização individualista do passado e do presente. Não mais apenas a desconstrução das tradições, mas o reemprego dela sem imposição

---

<sup>10</sup> SANSÃO, 2002

institucional, o eterno rearranjar dela conforme o princípio da soberania individual”<sup>11</sup>. Podemos incluir a reconquista do espaço público como materialização desse comportamento.

São dezenas de exemplos em São Paulo que, atualmente, tem assistido a iniciativas por parte de uma população pró ativa, e recentemente também, por parte da prefeitura, em transformar o uso de espaços ociosos na cidade. Os largos São Francisco e Paissandu receberam, em 2014, intervenções temporárias com o projeto “Centro Aberto”, iniciativa da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, com consultoria do escritório dinamarquês Gehl Architects. O projeto é um convite ao cidadão para que se aproprie do espaço público, dotado de novos equipamentos urbanos, para vivenciar as transformações urbanísticas na região.<sup>12</sup>

O “Better Block”<sup>13</sup> surgiu em Dallas, nos Estados Unidos, onde os moradores do bairro de Oak Cliff encontraram uma maneira de potencializar a experiência do bairro e tornar as ruas mais vivas, através de intervenções colaborativas entre artistas, vizinhos e comerciantes locais. O projeto consiste em identificar uma rua e as deficiências deste local, e assim, juntamente com a comunidade, propor uma intervenção. O primeiro Better Block aconteceu em 2010, o plano era dar uso aos locais de comércio abandonados, trabalhando com os proprietários para implantar atividades temporárias e com isso foi possível constatar que existia uma demanda local que podia tornar essa intervenção em algo permanente. Com o desenvolvimento do projeto, foi possível ainda implantar uma ciclovia e fazer uso das vagas de carro da rua para a criação de espaços de convivência. Por fim foram instalados novo mobiliário urbano, iluminação e vegetação, criando um sentido de lugar. Desde então a iniciativa propagou-se por todo o país, com projetos em diversas cidades.

Essas ações se enquadram na ideia de “urbanismo tático” (PETRESCU, 2011), este conceito consiste em criar estratégias que desenvolvam um sentido de comunidade entre os habitantes/vizinhos de um determinado lugar. Tais estratégias se baseiam em intervenções urbanas que permitem recriar a identificação com a cidade.<sup>14</sup> É o “faça você mesmo” e é a partir de iniciativas como essas que aos poucos se recompõe a imagem da cidade, proporcionando espaços saudáveis de interação social.

Um acontecimento inerente a toda e qualquer cidade contemporânea é o chamado “urbanismo cotidiano” (CRAWFORD, 1999) que consiste na prática do urbanismo de forma empírica, favorecendo o uso de espaços públicos de uma maneira alternativa, dando-lhe novos significados através dos indivíduos ou grupos que dele se apropriam em diversos momentos do dia, de acordo com ritmo da vida cotidiana. Esses espaços ganham um novo sentido através de ações efêmeras e se tornam memoráveis pela importância dos eventos que ali ocorrem. Não é o urbanismo de desenho formal e planos oficiais, trata-se do “olhar tático sobre a

---

<sup>11</sup> LIPOVETSKY, 2004

<sup>12</sup> Centro Aberto. Disponível em: <<http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/centro-aberto/>>

<sup>13</sup> Better Block. Disponível em: <<http://betterblock.org/>>

<sup>14</sup> Tácticas Urbanas, disponível em: <<http://www.plataformaurbana.cl/archive/2011/05/25/tacticas-urbanas-1/>>



ação transitória, pequena e particular ao contexto que se desenvolve nos espaços ordinários da cidade, buscando novas possibilidades a partir da sua própria matéria prima que são as atividades cotidianas.”<sup>15</sup>

Ainda em sintonia com este tema está o termo “urbanismo temporário”, introduzido por Temel (2006) que abrange as intervenções em âmbito interativo, ou seja, a difusão da arte pública ou instalações arquitetônicas que transformam o uso e atribuem valor a um determinado espaço, produzindo um significado maior e mais permanente na cidade, diferente de uma intervenção efêmera. Pela sua qualidade tectônica, o processo de intervenção é mais duradouro e experimental. Portanto, o urbanismo temporário atua também como alternativa ao planejamento urbano, “onde atividades temporárias podem ocupar as brechas do planejamento, enquanto se espera pela implementação dos planos, permitindo a pré-transformação do espaço.”<sup>16</sup>

Um modelo interessante de apropriação do espaço a partir da arte, e também o mais representativo desse segmento no país, é o Arte/Cidade, que se propõe a discutir novas estratégias urbanas e artísticas de intervenção em megacidades. Em quatro momentos, o evento aconteceu entre 1994 e 2002 em São Paulo, partindo de uma iniciativa institucional e coordenado pelo filósofo Nelson Brissac Peixoto<sup>17</sup>, quando arquitetos e artistas puderam então realizar intervenções onde se colocava em questão a percepção do espaço. As intervenções, em sua maioria, estavam comprometidas com técnicas escultóricas em grande escala e a percepção fenomenológica de objetos colocados no espaço, mas a característica, talvez mais interessante deste evento, foi a apropriação de estruturas arquitetônicas existentes para a disseminação da arte. Uma espécie de crítica à ideia dos megamuseus, que são exclusivamente projetados para a apreciação da arte, ao mesmo tempo em que a própria cidade oferece diversos espaços vazios para serem ocupados. Por isso, a ideia do Arte/Cidade não era exatamente o uso da arte como ferramenta de valorização do espaço, mas principalmente a de usar a cidade como instrumento de valorização da arte. O evento ganhou muito destaque na época, principalmente pela preocupação em revelar novos espaços na cidade, atuando em locais de transição, como também por ter sido promovido e idealizado no interior de uma secretaria de Estado da Cultura em um momento de crise de instituições públicas, após o governo Collor.

As relações com o lugar tornam-se um componente indissociável da obra de arte. Essa nova experiência estética substitui a contemplação de objetos autônomos deslocados do contexto por uma colocação em situação. Uma radical alteração na questão da percepção, que passa a pressupor um

---

<sup>15</sup> SANSÃO, Adriana. **Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea**. arquiteturaarevista. Vol. 8, n. 1. 2012. p 33-34.

<sup>16</sup> Idem. p. 34-36

<sup>17</sup> Nelson Brissac. Filósofo, trabalha com questões relativas à arte e ao urbanismo. Autor de diversos livros entre eles *A sedução da barbárie*, Ed. Brasiliense, 1982, *Paisagens Urbanas*, Ed. Senac 1995, *Ate/Cidade – Intervenções Urbanas*, Ed. Senac, 2002. Dedicou-se também a pesquisas sobre dinâmicas territoriais na região sudeste do Brasil e as relações entre arte e indústria.

observador inserido no espaço engendrado pela obra. A obra como objeto se dilui diante da utilização do lugar como forma de experiência estética.<sup>18</sup>

As propostas do Arte Cidade não são exatamente projetos arquitetônicos e urbanísticos, elas indicam estratégias e alternativas para a reestruturação do espaço da cidade, colocando desafios para questões que ainda não se tem resposta. O projeto leva em consideração uma extensa pesquisa urbanística sobre a região de implantação e, atuando junto com os arquitetos e artistas participantes, procura compreender os elementos arquitetônicos e modos de ocupação existentes, para então começar a desenvolver as propostas.

Os espaços outrora ociosos que receberam as intervenções do Arte/Cidade passaram por reformas e atualmente fazem parte do cotidiano da cidade como a Cinemateca Brasileira e a Casa das Caldeiras.

#### **4. Aproximações**

Em São Bernardo, com uma câmera na mão, saí em busca de vazios, de espaços ausentes. Considero indispensável estabelecer contato físico com a cidade e sentir as suas características.

Por meio da escrita e inspirada pelos relatos de Marco Polo em *As Cidades Invisíveis*, tentarei descrever os espaços invisíveis da minha cidade. Estes que passam despercebidos pelos olhos de seus próprios habitantes. Intangíveis e desconectados, são espaços que vêm sem serem vistos. Para conhecer estes espaços faremos um pequeno trajeto a pé, percorrendo uma avenida que reúne diversos momentos e, principalmente, alguns espaços invisíveis ao longo de sua extensão. Descobrimo a pé a cidade do carro e narrando percursos como quem quer contar sobre uma cidade que acaba de visitar pela primeira vez.

##### **A rotatória**

Acessar a rotatória não é uma tarefa fácil, existe apenas um ponto em volta do gigante verde onde se pode atravessar a rua com mais tranquilidade para poder chegar a ela. Ao cruzar as três pistas, encontramos um ambiente solitário, onde a grama permanece intocada e as árvores centenárias fazem sombra de dia. Voltado para a mais larga das avenidas que a circundam existe um totem de granito preto, gravado de forma ilegível o nome da praça. De tarde é possível ver algumas pessoas andando por ali, o pessoal da caminhada que atravessa sem demora a rotatória, pra acessar a avenida e continuar o "treino". Agora imaginem essa praça oval, cortada por um viaduto. Mas um viaduto baixo, que desaparece entre as árvores, principalmente de noite. O cenário corresponde ao modelo de qualquer baixio de viaduto nas cidades brasileiras, onde a superfície é revestida de paralelepípedos dispostos de tal maneira a fim de, supostamente, impedir que moradores de rua se hospedem ali. Bom, volta e meia eles passam por ali, mas não têm presença marcada no local. Sob o viaduto ecoam os sons dos carros que circulam a rotatória em baixa velocidade e descubro a presença de um ponto de ônibus, onde três pessoas se misturam ao mar de pedras. Ao sair do coberto as atmosferas se misturam e é como sair de uma caverna e entrar em contato com a natureza intacta, sentindo novamente o calor do sol na pele, passando entre as folhas

---

<sup>18</sup> BRISSAC, 2002, p.18.

das árvores. Ao completar o diâmetro da praça, estampado em um dos taludes que sustentam o viaduto, um tímido cartaz diz "espaço destinado a poesia".

Agora subimos ao nível do viaduto, no acesso onde começa a avenida que, de certa maneira, conecta os dois lados da cidade. Caminhamos em direção ao centro, as buzinas de moto rompem o silêncio, passando entre os carros parados no farol. Na calçada, desnivelada pela ação do tempo, nota-se o padrão característico da cidade, não sei bem como explicar mas são espécies de argolas pintadas de preto sobre o ladrilho branco. No centro da avenida estende-se um largo corredor de ônibus, onde os tróibus determinam o percurso de milhares de pessoas ao longo do dia. Mais três minutos de caminhada, entre diversos consultórios médicos e restaurantes da avenida, avistamos o próximo ponto.

### **O pavilhão**

Um lugar que parou no tempo. Peço licença na guarita para tirar algumas fotos e sou advertida de que tivesse cuidado, pois "ali ninguém entra há muito tempo, e só tem pulgas". Bem, as pulgas eu não vi, mas vi muitas pombas e até mesmo um filhote delas, o que foi uma grande surpresa, pois nunca tinha visto um filhote de pomba, que mal sabia voar e se assustou quando eu invadi o seu território.

Antes de chegar a parte abandonada do conjunto, visualizo o grande pavilhão, que está sendo preparado para a próxima feira, acho que tem a ver com noivas. Desisto de dar uma volta pelo espaço diante do olhar curioso dos trabalhadores do local e vou direto para a área abandonada. O chão, até então asfaltado, agora é só terra e pedriscos. O sol parece estar próximo, refletindo a brancura inerte dos pequenos pavilhões, ao caminhar a poeira sobe e os olhares me perseguem, até que entro em um deles. Pisos de cerâmica empilhados, sacos de areia e dezenas de pallets, a escrivaninha de madeira parece ter sido arremessada ali dentro junto às esquadrias e aos restos de madeira velha. Não sei quando o pavilhão se transformou em um grande depósito de entulhos. Diante das aberturas opostas o vento corre ali dentro, carregando aquela sensação característica de uma obra não acabada, um ar pesado. As quatro paredes em alvenaria armada preservam o aspecto natural do tijolo de concreto, mas o ambiente é marrom, marcado talvez pelo reflexo do chão de terra vermelha em que todos estes elementos repousam. A forma trapezoidal do edifício é espelhada no segundo pavilhão.

Entre um pavilhão e outro existe um plano baixo e uma pequena ponte de madeira deteriorada para atravessar este pequeno vão, penso que viria a ser uma espécie de espelho d'água, seria bonito se estivesse funcionando. Do outro lado, o segundo pavilhão é uma versão menor do primeiro. Sem aberturas, a não ser a única porta que se mantém aberta, este é completamente escuro e gelado, o cheiro é o mesmo de uma garagem de subsolo e por algum motivo ali dentro o nível é mais baixo, é preciso descer uma pequena escada para sentir-se no espaço, mas penso que talvez não seja uma boa ideia fazê-lo. A praça que envolve o conjunto é formada por dois níveis de piso e a grama se confunde com a terra. Nesse ponto vejo o encontro de uma rua calma e arborizada com uma das avenidas mais movimentadas da cidade e logo à frente ergue-se uma igreja alta de forma peculiar, uma espécie triangular com vitrais azuis, que se destaca no céu sem nuvens. As pessoas que por ali caminham, acostumadas com a quietude do lugar nem notaram a minha presença, talvez pela atual fachada de grades, que aprisionam o pequeno conjunto abandonado.

Passo novamente pela guarita e agradeço ao vigia, estamos novamente na avenida. Sigo pela mesma calçada, em direção ao centro da cidade, o cenário é o mesmo. Existem duas opções para chegar ao centro, podemos seguir pelo viaduto até chegar a cota mais baixa da cidade, onde está o paço municipal, ou acessar a escadaria e descer. Vamos pela escada.

### **Sob o viaduto**

Antes de descer, o que me chama atenção é uma criança que brinca sozinha naquele ambiente desfavorável e então percebo que é a filha da dona do carrinho de cachorro quente que fica ali, aceno e desço os 40 degraus que conectam a parte alta e a parte baixa, o semáforo de pedestre abre lá embaixo e cruzo com diversas pessoas no caminho. Nesse ponto as avenidas convergem o fluxo de quem vem de diversas regiões da cidade, as paradas de ônibus estão cheias. Fico na beirada da escada, que agora sobe. À frente, nas largas faixas de pedestres, cada indivíduo caminha em seu próprio ritmo, compartilhando caminhos e misturando-se aos ambulantes que ficam sob o viaduto. Estes são personagens fixos no cenário, que casualmente são procurados quando alguém está tempo demais a esperar no ponto e precisa de uma água ou um chocolate, já que não se vende mais passe de ônibus. Entre uma pista e outra os espaços são generosos, os percursos não acompanham o desenho do piso, por isso a terra batida. Cartazes lambe-lambe de todos os tipos se sobrepõem, colados nas colunas do viaduto que se inclina ao encontro do paço. À direita, no baixio que acompanha o desnível ao lado da escadaria, os paralelepípedos repousam uniformemente em uma inclinação perfeita para se estirar, imagino como seria interessante ocupar aquele vazio com pequenas plataformas, onde eu realmente pudesse me estirar e talvez até mesmo escutar o burburinho incessante das pessoas que ali esperam os seus ônibus passarem. Imaginando como as coisas podiam ser diferentes.

Entre tantos percursos, este foi o primeiro a me colocar em contato com alguns espaços esquecidos na cidade, ainda que existam muitos outros a serem descobertos e imaginados.

[...]

E, a partir de todas as discussões expressas neste trabalho e o envolvimento maior com os espaços da minha cidade, apresento como objeto dessas reflexões uma composição entre o espaço construído e diversas propostas de disposições espaciais.



**Figura 3. Rotatória. Fonte: Autoria Própria**



**Figura 4. Pavilhão. Fonte: Autoria Própria**





**Figura 5. Viaduto. Fonte: Autoria Própria**

## **5. Considerações Finais**

Este ensaio não é sobre os fins e nem sobre os começos, são os meios. O processo, por assim dizer. Este trabalho reuniu algumas reflexões muito breves sobre os pensamentos que me rodeiam e de como as ideias aparecem para mim até o momento. Os propósitos deste trabalho foram construídos durante a pesquisa, feitos, refeitos e descobertos dentro dos limites de tempo que me foi possível fazê-lo. Concretizar pensamentos nunca foi tarefa fácil, mas motivada pelo ritmo intenso do trabalho, tudo pareceu clarear-se à medida que me esforçava para exteriorizar minhas observações. Sempre achei a escrita um exercício fantástico, ainda que eu reconheça a necessidade de me aprimorar com a organização das palavras.

A contemplação é, para mim, o aspecto mais interessante da arquitetura, pois é o momento em que os conceitos propostos, então materializados, ganham sentido e dimensão no espaço, criando atmosferas. Como diria Paulo Mendes da Rocha é o "seduzir a ponto de parar e ficar", e o arquiteto é a figura que idealizará estes espaços, que por sua vez provocarão sentimentos e consolidarão identidades. Acredito que a compreensão dessa perspectiva sempre me trará um campo de alternativas para atuar na cidade e, em algum momento, isso se revelará através de projetos. Estamos vivenciando novas descobertas que indicam profundas mudanças na configuração da sociedade no que diz respeito às formas de vida e conseqüentemente à reformulação de espaços. No momento, compreendo que a intervenção seja o caminho mais coerente para a reconquista do espaço público nas cidades, espaços estes que materializam os desejos de uma sociedade que está começando a redescobrir o valor da rua. A intervenção é o processo. Criam-se alternativas ao tecido urbano consolidado, promovendo novos olhares aos lugares esquecidos. Formam-se diversas imagens de uma mesma cidade que assiste a arquitetura se transformar.

Já é hora de outros protagonistas pensarem e projetarem a cidade de modo que, perante a dominante cidade especulativa e segregadora sejam incorporados pontos de vistas plurais que possam reinventar a cidade humana.<sup>19</sup>

É por isso que defendo a democratização da arquitetura.

E que o primeiro passo seja através de intervenções urbanas.

## Referências

- RODRIGUES, Sérgio Fazenda. **A casa dos sentidos**. Lisboa: Uzinga Books, 2013.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. **Intervenções urbanas: Arte/ Cidade**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.
- LERNER, Jaime. **Acupuntura Urbana**. Ed. 5. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- MONTANER, Josep Maria; MUXI, Zaida. **Arquitetura e Política**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi de. **Territórios**. São Paulo: Gustavo Gili, 2003.
- ARAVENA, Alejandro. **Os fatos da arquitetura**, 2013. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-160245/os-fatos-da-arquitetura-alejandro-aravena>> Acesso em 19 ago. 2014.
- CLEMENTE, Juliana C; SILVEIRA, José Augusto R; SILVEIRA, Julio G. **Vazio urbano ou subutilizado? Entre conceitos e classificações**. 2011. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/dhtm/seer/index.php/cpgau/article/view/Clemente.2011.2>>. Acesso em 19 ago. 2014.
- PETRESCU, Javier Vergara. **Táticas Urbanas**, 2011. Disponível em: <<http://www.plataformaurbana.cl/archive/2011/05/25/taticas-urbanas-1/>>. Acesso em 14 set. 2014.
- REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. **O conceito de lugar**, 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225>> Acesso em 18 set. 2014.
- MAGNAVITA, Pasqualino Romano. **Inflexão teoria da arquitetura**, 2003. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/02.018/3209>> Acesso em 18 set. 2014.
- SOUZA, Gabriel G. E. de. **Experimentalismo e estratégia: o projeto Arte/Cidade e a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo**. 2007. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2007/SOUZA,%20Gabriel%20Girnos%20Elias%20de.pdf>> Acesso em 25 de set. 2014.

---

<sup>19</sup> MONTANER, p.127, 2014



SANSÃO, Adriana. **Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea.** *arquiteturarevista*. Unisinos, vol. 8, n.1, jan/ jun 2012. p 31-48.

**Recebido em 31/01/2015 e Aceito em 06/05/2015.**